

Depoimento

“OS SETENTA ANOS DA AGB – 1934-2004”

Com esse título este autor (Marcos Alegre) escreveu depoimento sobre os 70 anos da AGB que seria publicado na íntegra na Revista Terra Livre 22, entregue em Goiânia em julho de 2004. Por um lapso, a parte final do depoimento ficou truncada, exatamente aquela em se prestava homenagem ao fundador da AGB, Pierre Deffontaines e a Pierre Monbeig, verdadeiro dinamismo dos tempos iniciais da trajetória desta associação, e que se transcreve agora.

IN FINE - DEFFONTAINES e MONBEIG, JUSTA HOMENAGEM

Pode-se afinal concluir que, ao comemorar seus 70 anos e apesar das divergências das idéias e mesmo ideologias – ou por isso mesmo – a AGB vem cumprindo o papel que certamente seu fundador Pierre Deffontaines imaginava para a associação em 1934. A AGB sempre teve participação ativa na evolução da Geografia, confundindo-se a sua história com a própria história da Geografia-ciência. Monteiro C. A. F. não acreditava em 1977, numa Geografia Brasileira eis que esta Geografia era sempre dependente. Haveria padrões universais não brasileiros e que a brasilidade estaria para ser encontrada. Decorridos mais de 25 anos e, em face do grande avanço que essa ciência conheceu entre nós, graças ao esforço, dedicação, abnegação e sobretudo descortino dos verdadeiros agebeanos – jovens e veteranos – pode-se acreditar que várias geografias são possíveis como defende Rodrigues, A. M. inclusive a Geografia Brasileira o que significa enorme responsabilidade.

Certamente a AGB, que enfrentou tempestades e furacões vencendo-os todos, saberá vencer os desafios futuros, já que ela se encontra cada vez mais fortalecida.

Por ocasião do I Congresso Brasileiro de Geógrafos em 1954, entusiasmado com as atividades dos participantes, sobretudo dos mais jovens, um jornalista local assim se manifestou em seu jornal: “Se a AGB está criando gente deste teor, moldando material humano deste feitio, que vão para ela, numa consagração, as bênçãos do País. Porque o de que o Brasil dilapidado de hoje precisa é disto mesmo: homens e mulheres trabalhadores e sérios, de abnegação honesta...” (Boletim Paulista de Geografia, n. 18, 1954)

Trata-se de palavras ditas quando a AGB completava vinte anos. Oxalá possam elas ser repetidas agora, nas comemorações dos 70 anos, e sempre.

Acredita, este autor que, ao comemorar os setenta anos de existência da AGB, vale recordar o que se colocou linhas atrás. Esta entidade é um símbolo, um ser abstrato, que se corporifica em razão de seus associados que, pelos seus trabalhos, pesquisas, reflexões em busca da Geografia-ciência debatidas em assembleias, encontros, congressos com a presença de associados, é que dão vida à entidade. E são muitos estes agebeanos que, nos últimos 70 anos construíram e reconstruíram os vários ramos dessa árvore que se chama Geografia como dizia La Blache. São as várias geografias possíveis, como dizem proeminentes autores da atualidade. E esses autores são aclamados como verdadeiros heróis, ícones. E são realmente porque ajudaram e ainda ajudam a cultivar a árvore, Geografia-ciência e mantendo viva

a AGB. Entretanto, há de se pensar que esta árvore não existiria neste país, ou se viesse a existir não seria tão frondosa, tão proficiente. Todavia, poucos se lembram dos “agricultores” que plantaram a semente há setenta anos atrás e cuidaram do pequenino arbusto, regando e adubando o solo para que ele crescesse sadio. Estes “agricultores,” os geógrafos franceses Pierre Deffontaines que, aos 40 anos, era nome bastante conhecido em seu país, foi quem plantou a semente, fundou a AGB em 1934 e, ao mesmo tempo, dava aulas de Geografia no curso de Geografia e História, recém criado na também recém criada Universidade de S. Paulo. Outro geógrafo, mais moço – 27 anos – que chegou logo em seguida para também ministrar aulas no mesmo curso, Pierre Monbeig, passou a cuidar da plantinha com o mesmo cuidado que Deffontaines. Estes dois nomes depois seguidos de outros, introduziram no Brasil a Geografia como ciência verdadeira tentando eliminar o que antes existia com o rótulo de Geografia e que era, no dizer de Monbeig: “uma enumeração seca e aborrecida e de uma época que se julgava para sempre passada”.

Este autor se lembra bem desta Geografia e como se fazia a Geografia desde o curso primário que hoje é a primeira parte do ciclo fundamental. A aula dessa matéria era ministrada uma vez por semana. Cada aluno recebia tarefa que devia ser estudada para a semana seguinte e consistia na recitação do fato estudado (decorado) sem consulta. Era o nome das serras e respectivas alturas ou dos rios e seus afluentes. No capítulo das chuvas era saber onde chovia mais, onde chovia menos. O porquê das diferenças nem pensar, não interessava. As vezes a incumbência era a de copiar algum mapa, colorir e aí quase sempre alguém da família ajudava. O mapa tinha de ficar bonitinho senão era nota baixa e o medo da reprovação. Mas a professora era criativa: dividia a classe em grupos que se digladiavam para ganhar nota. Algumas perguntas eram indefectíveis e passavam de ano para ano e os alunos que começavam já iam decorando. Qual é o maior rio do mundo? A classe respondia em uníssono; o Rio Amazonas. Qual é o morro que cobre todos os outros? É o Morro do Chapéu. A professora batia palmas e todos os alunos batiam palmas, também, claro, o medo de uma nota baixa era constante e valia a pena agradar a professora! Uma vez, uma menina, mais experta, fez a pergunta que levou a professora ao delírio! Qual é a capital de um país que, lido de trás para frente, vai dar o que a gente sente pelo papai, pela mamãe, pela professora, pela escola e pelo Brasil? Ninguém sabia. A molecada, inclusive este autor, coçava a cabeça e nada saía. A menina que fizera a pergunta teve seu dia de glória ao responder: É Roma capital da Itália. Ganhou um beijo e abraços da professora e a raiva de todos os alunos. Esta era a Geografia que se fazia e estudava (estudava?) nas décadas de trinta, quarenta e até mais para frente. Lembra-se, ainda, este autor que, quando algumas pessoas, no DER (Departamento de Estradas de Rodagem) onde trabalhava como desenhista cartógrafo – topógrafo, souberam da escolha do curso de Geografia comentavam: esse rapaz vai fazer curso de Geografia? puxa, ele deve ter muito boa memória! E isto já na década de 50 e entre pessoas de bom nível educacional!

Era contra essa Geografia que se insurgia Monbeig e duas ou três décadas de AGB foram necessárias para mudar esse quadro embora não ainda completamente. Mesmo em 1945, portanto uma década de AGB, num comentário de Monbeig publicado no Boletim Geográfico No31 ele faz a apologia dos estudos regionais e diz que a pesquisa científica da zona estudada pode adquirir uma utilidade prática, e aduz: “Sem dúvida a maioria dos leitores

se surpreenderá com esta última afirmação, pois a lei comum é a de guardar uma detestável lembrança dos cursos de Geografia que tiveram no ginásio... Mas, é que há um abismo entre aquele ensino de outrora, ou mesmo ainda hoje, o ensino de professores improvisados, e o que se tornou a ciência geográfica”. E ainda agora, já no século XXI, há quem duvide que a Geografia seja uma ciência!

A propósito desta Geografia de outrora vale a pena algumas citações e comentários que Pierre Monbeig faz na seção Críticas e Notas no Boletim da AGB, n. 4, 1935. Ele começa seu comentário, reportando-se à acolhida que a AGB tivera, e o aparecimento desse boletim como demonstração da necessidade de desenvolver as pesquisas geográficas e realça que a bibliografia geográfica paulista é pobre mas que o Brasil é um campo apaixonante para o geógrafo e que, por isso, deve-se saudar com entusiasmo todo ensaio de estudo geográfico. Mas a decepção é grande quando se constata que:

...o estudo está longe de fazer avançar o conhecimento científico da Geografia quando ele não faz outra coisa que não a enumeração seca e aborrecida. Ora está aí exatamente a desgraça que me sucedeu há pouco tempo, ao descobrir numa livraria, uma publicação de um excelente agrupamento científico. O índice das matérias era tentador nessa obra com sugestivo título “ Capítulos de Geographia Physica de S. Paulo”.

Tantas esperanças depressa se desvaneceram. Sem que a menor carta ou o mais pequeno desenho que nos oferecesse a possibilidade de acompanhar a exposição, quarenta e uma páginas de enumeração se apresentavam aos meus olhos. Todas as categorias de rochas desfilavam em fileiras cerradas, todos os minerais que esconde o sub-solo paulista... mais adiante era uma revista de todas as serras, com suas altitudes, sem esquecer uma só... Seguiam docilmente atrás das montanhas, os rios classificados por bacias fluviais com seu batalhões de afluentes. Todas as ilhas, todos os cabos...

Qual o interesse de uma tal recitação? Zero e nada mais. Procurava-se em vão a mais elementar tentativa de explicação do fatos, o mais modesto esforço de comparação com outros a fim de melhor interpretá-los... é preciso confessar que um tal estado de espírito, revelado pela publicação deste artigo numa revista de real valor, é surpreendente no próprio momento em que no mundo inteiro a Geografia toma um impulso inesperado e que no Brasil, particularmente em S. Paulo e no Rio, surgem pesquisadores de grande mérito. Apesar disto o trabalho não terá sido de todo inútil. Constitui uma advertência muito séria àqueles que cuidavam que os princípios formulados por Humboldt, Suess, Davis e De Martonne... tinham entrado no domínio público. Ainda estamos longe disto, ao que parece; e isto não pode senão animar-nos a intensificar nosso esforço a nos agrupar para trabalhar no sentido que nos indicaram aqueles mestres.

Aí está a preocupação do renomado geógrafo em sua crítica, nada sutil mas arrasadora, cujo título já diz tudo. “REFLEXÕES SOBRE UM TRABALHO INÚTIL”.

Este pequeno exemplo serve para mostrar, confirmado por estudos posteriores de Monbeig, que ele não concebia o estudo do homem independentemente de suas bases físicas, das relações entre o ser humano e o meio, relações entre os próprios homens representando tudo num processo que se desenvolve ao longo do tempo fazendo a construção e reconstrução do

espaço geográfico e da sociedade. No mesmo boletim aparece nítida a preocupação da AGB com o ensino secundário. Nesse período estava-se estudando, em nível federal, uma reforma do ensino secundário e a AGB não quis alhear-se do assunto vendo, inclusive ali, o momento de propor mudanças benéficas para a Geografia de modo que ela aparecesse como ciência e não aquele arremedo que até então se fazia. A preocupação era a de substituir o antigo sistema puramente de nomenclatura e mnemônico, por uma compreensão científica da matéria. E Monbeig completa: “E nestas condições é dever de todos que se interessam pela Geografia, auxiliar os poderes públicos na difícil tarefa de modernizar o ensino”.

Com tal objetivo a AGB constituiu uma comissão composta por Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo que, na época, era professor do Colégio Universitário da USP e Maria Conceição Vicente de Carvalho, do Mackenzie College que elaborou o projeto acompanhado de instruções de como tratar cada assunto ao longo do curso.

Apenas alguns trechos serão transcritos aqui para mostrar as preocupações da associação.

Os presentes programas foram redigidos tendo em vista dois princípios comuns a todas as disciplinas incluídas no curso secundário. Antes de tudo, é preferível conhecer bem poucas coisas do que saber mal muitas outras. Em segundo lugar, cumpre ter presente que o ensino secundário é um ensino de cultura geral e não de especialistas: cada educador, qualquer que seja a matéria que venha a ensinar, não deve jamais esquecer que sua missão consiste em formar a personalidade e não recrutar geógrafos, matemáticos ou naturalistas.... torna-se preciso evitar, por todas as maneiras, as abstrações: a geografia geral ministrada a meninos de 12 anos deve partir de fatos concretos que lhe sejam familiares; sempre que possível o professor se esforçará por começar pela geografia local ou, pelo menos, brasileira para conduzir o aluno pouco a pouco à generalização.

Durante todo o curso, o professor nunca deverá esquecer que é preciso, antes de tudo, fazer um apelo à reflexão e à inteligência, ao espírito crítico, os quais se hão de exercer com rigor, lógica e ordem. Somente quem adotar tais diretrizes, poderá ser considerado um verdadeiro professor...

Pelo que se disse até agora, dá para observar que, desde o primeiro momento, a AGB preocupou-se com o fazer e divulgar a Geografia-ciência e, ao mesmo tempo, preocupou-se com a formação do cidadão consciente, esclarecido, capaz de exercer a cidadania, utilizando seu saber sempre em benefício da sociedade e contribuindo para a solução dos problemas que a afligem. Uma observação: terá a AGB ao longo de todos estes anos conseguido seus intentos? Os alunos formados, desde então, são de fato, verdadeiros cidadãos? Os professores, sem levar em conta o nível de ensino em que atuam, serão verdadeiramente professores de acordo com as diretrizes emanadas da AGB há setenta anos? Pontos para análise e reflexão.

Para se observar qual era o pensamento de Monbeig, 40 anos depois da criação da AGB e como parte desta homenagem, transcrevem-se algumas frases ditas por ele quando visitou Presidente Prudente em 1975, em conversa com alguns professores da faculdade:

Não há ecossistema humano. ecossistema é biologia, botânica etc. O homem está inserido na paisagem e por isso que o geógrafo deve estudar a paisagem. O homem é que importa. Ecossistema humano é besteira. Para muitos a técnica é mais importante que o objetivo o que

significa falta de cultura. Não se faz geografia com modelos. A palavra subdesenvolvimento é errada. Há fome, há miséria mas não há sub-desenvolvimento mas o que existe é desenvolvimento insuficiente, lembrando que subdesenvolvimento não é fase do desenvolvimento. Mas a ação do geógrafo pode ajudar com estudos não simplesmente técnicos. Há exemplos de obras de engenharia que não consideraram o homem. Ex. construção de barragens na África. O verdadeiro geógrafo é criador, deve abrir novos caminhos. Muitos apenas citam os mestres. Mas o geógrafo deve ter muita desconfiança das teorias. O geógrafo pode cair no ridículo quando complica muito e acaba fazendo um malabarismo de linguagem. Fazer geografia é uma fonte de prazer. Quem não sentir esse prazer deve fazer outra coisa.

Como estrangeiro, Monbeig não podia manifestar-se sobre política, sistema de governo do país entretanto, nas conversas mais reservadas, no café na mesa do restaurante, ou na residência – como na do autor deste artigo – ele expunha seu ponto de vista, e dizia:

“...com todos os problemas que possam existir, não há dúvida que o melhor sistema de governo é a democracia na qual o povo exerce sua soberania, há liberdade, igualdade. Nas ditaduras tal não acontece. E o geógrafo, não pode ser neutro, ele precisa pensar democraticamente, estar sempre ao lado do povo porque ele também é povo. Na ditadura o geógrafo tem de demonstrar seu inconformismo mostrar de que lado está, como por exemplo, fizeram alguns agebeanos no Encontro aqui realizado. Na hora certa ele tem de se engajar e até liderar movimentos populares em prol da democracia. No Brasil, esse momento está próximo.”

Depois disso Monbeig não quis falar mais nada e até pediu desculpas por se manifestar achando que não tinha direito de se intrometer. Mas, completou; “geógrafo é geógrafo e não é capaz de fechar a bo ca!”

A propósito da velha geografia e a geografia-ciência, vale a pena citar o comentário de AB’SABER, A. N. publicado no Boletim Paulista de Geografia, n. 34, 1960 “Vinte e cinco anos de Geografia em S. Paulo (1934-1959)” Esse autor – renomado geógrafo – faz um balanço da produção geográfica em S. Paulo e diz que a criação do Curso de Geografia e História na USP e a fundação da AGB foram dois acontecimentos da mais alta importância para o desenvolvimento da Geografia no Brasil. No item sobre a participação dos paulistas nos congressos científicos AB’SABER coloca: “Nessas ocasiões, havia a necessidade de fazer pregação, dar exemplos concretos e fiscalizar discretamente as louvaminhas dos velhos mentores, cientificamente fossilizados”. O autor se referia basicamente aos congressos organizados pela Sociedade Brasileira de Geografia e, em especial, aqueles realizados em Florianópolis (1940), Rio de Janeiro (1944) e Porto Alegre (1954).

Em relação ao primeiro, em Florianópolis, o autor chama a atenção para a orientação de Pierre Monbeig na liderança do grupo paulista que “...teve uma atuação científica impar, servindo de arauto da nova ciência e fiscalizando com a severidade exigida, a ação dos falsos profetas que, sem ter a necessária formação e vocação científicas, quiseram se guindar à posição de líderes”.

E ressalta a atuação dos agebeanos cariocas no congresso realizado no Rio em 1944 no mesmo sentido do que fizeram os paulistas no congresso anterior.

No que diz respeito ao congresso de Porto Alegre. E AB'SABER diz textualmente:

...quando por um desses incríveis eventos toda uma instituição técnico-científica do governo brasileiro prestigiava um congresso de organização arcaica e obsoleta, um pequenino grupo de geógrafos paulistas, fiéis aos seus princípios metodológicos e científicos, soube recolocar os problemas, consolidar o prestígio de seu campo científico e demonstrar, com energia e educação, os seus princípios e propósitos. Historicamente o Congresso Brasileiro de Geografia de Porto Alegre foi *o canto de cisne* da velha e retrógrada geografia em nosso país.

Observa-se pelo comentário do autor que, ainda na década de 50, o próprio governo, que mantinha o Conselho Nacional de Geografia, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, publicava, por meio da Revista Brasileira de Geografia e Boletim Geográfico e outras vias, brilhantes trabalhos da verdadeira Geografia-ciência, ainda dava apoio à velha geografia que já fora abandonada há muito tempo em outros países. E veja-se que bem à véspera do grande congresso internacional que seria realizado no Brasil em 1956 e que reuniria dezenas dos maiores geógrafos do mundo. É realmente incrível, como disse AB'SABER: “como é difícil vencer o atraso, neste país. E isto não é somente do ponto de vista da ciência geográfica é em tudo e isso parece ser atávico e inerente ao Brasil e é por isso que a luta tem de continuar”.

Em relação a Pierre Deffontaines pode-se dizer que ele também tem longa lista de trabalhos publicados sobre assuntos brasileiros e parece, salvo engano, que o primeiro destes trabalhos foi publicado no Boletim da AGB, n. 3, 1935 “As feiras de burros de Sorocaba” publicado também na França em 1938 e depois no Boletim Geográfico, n. 25, 1945. Mas um dos mais conhecidos desses trabalhos foi publicado na França em 1938 e transcrito no Boletim Geográfico, n. 14 e 15 em 1944 com tradução do proeminente geógrafo brasileiro, Orlando Valverde. “Como se Constituiu no Brasil a Rede das Cidades”, que é constantemente citado, sobretudo quando se faz Geografia Urbana retrospectiva.

Entretanto, o autor deste artigo prefere citar Deffontaines por um pequeno artigo resultado de uma comunicação feita em 1936 na Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e transcrita depois no Boletim Geográfico, n. 75, 1949 com o título: “As Nossas Responsabilidades Geográficas nas Zonas Tropicais” pretendendo reproduzir alguns trechos mais sugestivos:

A zona equatorial é, para nós, essencialmente a região em que a natureza atinge toda a sua profusão. De fato, aí se estendem os mais suntuosos mantos florestais da Terra. A mata amazônica só é ultrapassada na superfície pelas florestas do Canadá e da Sibéria; é, porém, infinitamente mais compacta: constitui o mais belo de todos os revestimentos vegetais que cobrem a superfície da Terra,... A mata equatorial depende mais da atmosfera que do solo para viver; as raízes de suas árvores são semi-aéreas e os troncos se elevam sobre um vasto pedestal com grandes sapopembas que atingem até cinco ou seis metros de altura. As árvores gigantes são, geralmente pouco enraizadas; resistem às tempestades menos pelas suas ligações ao solo do que pelas lianas e pela compacidade do bloco vegetal... Para guardar sua vida, o solo florestal necessita da penumbra, do sub-bosque, da umidade conservada sob as ramagens... todo ataque à sombra é uma ferida na floresta, mas é ainda mais do que uma ferida no solo florestal

que, exposto diretamente ao ressecamento pelos raios solares e à lixiviação pela chuvas diluviais, degradar-se-á rapidamente, a vida microbiana será morta, as águas subindo por capilaridade, depositarão, durante a estação seca, elementos ferruginosos que vão se aglomerar na superfície e formarão logo uma crosta pedregosa e vermelha, uma verdadeira couraça superficial, chamada “laterita” que quer dizer tijolo. A antiga mata dará, assim, lugar a uma superfície rochosa e impermeável na qual a vegetação compor-se-á exclusivamente de ervas secas e cortantes.

Deffontaines, nesta comunicação ministra verdadeira aula sobre a floresta tropical-equatorial e as conseqüências do mau uso, do desconhecimento de métodos de preservação da mata e do solo necessário para qualquer outra cultura ou mesmo pecuária. E esta aula data da década de trinta, entretanto, ainda hoje, setenta e tantos anos depois, muita gente mais interessada na exploração da mata, no lucro imediato, do que no seu aproveitamento em benefício do homem, inclusive das gerações vindouras, não acredita ou não quer acreditar que o que foi dito pelo mestre, em que pesem todos os exemplos que aí estão, de fato possam acontecer. Ouve-se, com muita constância, pessoas dizerem: “vamos tirar a mata e plantar capim para o gado, porque o povo precisa da carne.” Isto é verdade. A mata não pode ser olhada como um ser sagrado, intocável. Deffontaines enfatiza o uso da mata em benefício da sociedade mas adverte que o homem deve procurar métodos racionais de manejo e não de devastação, “ruínas do capital vegetal” mas que tirem proveito somente dos juros, ou seja, do acréscimo natural verificado após o uso de uma silvicultura adequada às condições das zonas quentes”. É preciso, entretanto compreender-se previamente o valor desses solos florestais e, em seguida, os meios de sua utilização pela agricultura ou pela pecuária. E aduz: “Esta é uma das grandes responsabilidades da educação e formação de especialistas vocacionados para o conservacionismo, preservação e manejo adequado no trato de tão precioso bem da humanidade.”

Deffontaines fala da grande diferença entre a floresta equatorial e as européias e cita que, no Brasil foi constatado que, em uma só árvore, existiam 800 espécies de vegetais vivendo em comensalismo significando que, em uma única árvore, pode viver verdadeira colônia de plantas. Nas florestas européias pode haver até menos de 50 espécies arborescentes enquanto que na Amazônia brasileira foram contadas mais de 4 000 espécies. As florestas equatoriais são também as mais antigas e devem remontar à época do terciário. O homem quase destruiu as matas européias mas agora trata de realizar manejos mais racionais o que não acontece nas matas tropicais que estão sendo devastadas sem nenhum critério conservacionista. Como afirma:

Zonas inteiras já têm sido assim dizimadas; a madeira de tinturaria chamada “brasil”, que sem dúvida deu seu nome a este país, desapareceu quase totalmente em conseqüência de uma exploração super-intensiva no século XVIII... As mais belas madeiras que a natureza pôs à nossa disposição estão em vias de desaparecimento... A maior parte das matas equatoriais permanecem entregues à devastação, retraem-se rapidamente e perdem seu valor. O homem do século XX prossegue ainda mais rapidamente na sua destruição: os progressos técnicos vieram apenas aumentar o perigo. Está a Terra a ponto de perder a sua paisagem mais antiga, a sua coroa, a floresta equatorial? Responsabilidades florestais, tais são as nossas primeiras responsabilidades nas zonas quentes.

A exploração pelos europeus mostra-se destrutiva; é igualmente uma economia de degradação... É preciso reconhecer que o homem ainda não encontrou, para garantir a utilização das regiões equatoriais, os métodos convenientes; desperdiça de modo desenfreado as riquezas da vegetação e os recursos do solo.

Deffontaines tece, ainda mais comentários sobre o uso inadequado das áreas florestais que devem ser utilizadas em benefício da sociedade mas de maneira sustentável; o homem deve aproveitar um bem precioso que é a mata mas com medidas racionais que não agridam o solo. Fala dos cafezais de S. Paulo que oferecem rendimento fabuloso, porém efêmero, logo ocorre a decadência e outras áreas devem ser buscadas em novo ciclo com as mesmas conseqüências. O solo se esgota e é necessário adubá-lo e aí o homem recorre ao adubo químico que dá à planta uma fertilidade ilusória; o solo não precisa de minerais mas de adubo orgânico. E conclui sua comunicação:

É mais do que tempo para que o homem se ponha ativamente à procura dos métodos de uma silvicultura e de uma agricultura tropicais, que sinta suas responsabilidades, que reconheça seus erros, eu diria mesmo seus erros geográficos. Não tem ele o direito de dilapidar esta terra que lhe foi confiada, não para ser degradada, mas utilizada humanamente, para ser humanizada. É preciso dizer-lo, o homem está em vias de perder o seu equador.

Perpassa por todo o artigo a tristeza e a indignação do fundador da AGB com a atitude egoísta e até selvagem do homem na utilização das áreas de matas nas zonas quentes predominantemente habitada por gente pobre que acaba por se tornar miserável em face da ocupação pelo europeu. E cita exemplos onde se notam despovoamentos inquietantes, no Congo, em muitas ilhas da Oceania, nas Antilhas regiões que estão à beira da miséria; e outras onde uma população excessivamente numerosa vive miseravelmente. E coloca aí, sobretudo, o europeu colonialista que agiu como ave de rapina nas áreas pobres por ele indevidamente, irresponsavelmente, ocupadas. É o geógrafo, cidadão consciente, esclarecido, preocupado com o futuro, já que as tendências não são favoráveis, e que apela para as responsabilidades dos homens na ocupação da terra. Terra que eles receberam, quase sempre pela violência e ganância do poder econômico sempre ávido de maiores lucros e sem refletir que a destruição da natureza resultará, mais para frente, na destruição do próprio homem pois, como lembrava Marx – que Deffontaines conhecia bem – que a história do homem se confunde com a história da natureza.

Será que estava na mente de Deffontaines, ao idealizar a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros, a preocupação com a formação de mais gente esclarecida, cidadã -- via uma Geografia, ciência – que pudesse contribuir e, até para induzir o homem brasileiro, na melhor utilização de sua inteligência, também no trato da natureza que redundasse em maiores benefícios para a sociedade, para o Brasil?

O autor deste artigo acredita nos bons propósitos de Deffontaines e, por isso, rende-lhe homenagens e, por que não, agradecimentos.

Ao concluir seu artigo, este autor lembra: tudo o que se tem dito e escrito sobre a AGB não passa de algumas lembranças parciais, por vezes ácidas, por vezes apaixonadas e que

tocam apenas em alguns tópicos, no momento considerados mais relevantes. Mas são sempre parciais. Poucos são lembrados os movimentos populares em que a AGB esteve presente como deve ser, mesmo, como integrante da sociedade. Caem no esquecimento também, agebeanos que, por vezes quase anonimamente, contribuíram para a manutenção e o engrandecimento da associação. Até os fundadores e aquelas pessoas que “carregaram nas costas a AGB” são pouco lembradas. A verdadeira história desta que é uma das mais importantes associações científicas do país está por se fazer e se trata de uma tarefa de grande fôlego tal a riqueza de momentos memoráveis, felizes ou mesmo infelizes, que dão forma e fazem o corpo deste monstro sagrado que é a AGB. Quem se habilita?

Bibliografia citada e/ou consultada

AB’SABER, Aziz Nacib. Vinte e cinco anos de Geografia em S. Paulo in *Boletim Paulista de Geografia*, n. 34, (AGB) S. Paulo 1960.

ALEGRE, Marcos. Cinquenta Anos de AGB – in *Anais do II Encontro Regional de Geografia - Londrina (PR) 1984*.

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS *Anais de Congressos e Encontros*.

BOLETIM DA ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS, Ano 1, n. 4, São Paulo, 1935.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA (AGB) *Noticiários* (vários números).

BOLETIM GEOGRAFICO, Conselho Nacional de Geografia (vários números).

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A Geografia está em crise. Viva a Geografia! in *Boletim Paulista de Geografia*, n. 55 (AGB) S. Paulo, 1978.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *A Geografia no Brasil (1934 – 1977) Avaliação e Tendências*. Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo - São Paulo, 1980.

MÜLLER, Nice Lecocq. Aspectos da vida da Associação dos Geógrafos Brasileiros, in *Boletim Paulista de Geografia*, n. 38 (AGB) S. Paulo, 1961.

RODRIGUES, Luiz Melo Duas décadas a serviço da Geografia in *Boletim Paulista de Geografia*, n. 19 (AGB) S. Paulo, 1955.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Contribuição da AGB na Construção da Geografia Brasileira. Uma Outra Geografia Sempre é Possível, in *Terra Livre*, n. 22 (AGB) São Paulo, 2004.

SPOSITO, E. Iseu Savério. Breve Histórico da AGB. in *Caderno Prudentino de Geografia*, n. 5 (AGB) Presidente Prudente, (SP) 1983.

Recebido para publicação em junho de 2006
Aprovado para publicação em junho de 2006

Normas

REVISTA TERRA LIVRE*NORMAS PARA PUBLICAÇÃO*

Terra Livre é uma publicação semestral da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) que tem por objetivo divulgar matérias concernentes aos temas presentes na formação e prática dos geógrafos e sua participação na construção da cidadania. Nela são acolhidos textos sob a forma de artigos, notas, resenhas, comunicações, entre outras, de todos os que se interessam e participam do conhecimento propiciado pela Geografia, e que estejam relacionados com as discussões que envolvem as teorias, metodologias e práticas desenvolvidas e utilizadas nesse processo, assim como com as condições e situações sob as quais vêm se manifestando e suas perspectivas.

1. Todos os textos enviados a esta revista devem ser inéditos e redigidos em português, espanhol, inglês ou francês.

2. Os textos devem ser apresentados com extensão mínima de 15 e máxima de 30 laudas, com margem (direita, esquerda, superior e inferior) de 3 cm, em folhas de papel branco, formato A-4 (210x297mm), impresso em uma só face, sem rasuras e/ou emendas, e enviados em duas vias impressas acompanhadas de versão em disquete (de 3,5") de computador padrão IBM PC, compostos em *Word para Windows*, utilizando-se a fonte Times New Roman, tamanho 12, espaço 1 e ½.

3. O cabeçalho deve conter o título (e subtítulo, se houver) em português, espanhol e inglês. Na segunda linha, o(s) nome(s) do(s) autor(es), e, na terceira, as informações referentes à(s) instituição(ões) a que pertence(m), bem como o(s) correio(s) eletrônico(s) ou endereço postal.

4. O texto deve ser acompanhado de resumos em português, espanhol e inglês, com no mínimo 10 e no máximo 15 linhas, em espaço simples, e uma relação de 5 palavras-chave que identifiquem o conteúdo do texto.

5. A estrutura do texto deve ser dividida em partes não numeradas e com subtítulos. É essencial conter introdução e conclusão ou considerações finais.

6. As notas de rodapé não deverão ser usadas para referências bibliográficas. Esse recurso pode ser utilizado quando extremamente necessário e cada nota deve ter em torno de 3 linhas.

7. As citações textuais longas (mais de 3 linhas) devem constituir um parágrafo independente. As menções a idéias e/ou informações no decorrer do texto devem subordinar-se ao esquema (Sobrenome do autor, data) ou (Sobrenome do autor, data, página). Ex.: (OLIVEIRA, 1991) ou (OLIVEIRA, 1991, p. 25). Caso o nome do autor esteja citado no texto, indica-se apenas a data entre parênteses. Ex.: "A esse respeito, Milton Santos demonstrou os limites... (1989)". Diferentes títulos do mesmo autor publicados no mesmo ano devem ser identificados por uma letra minúscula após a data. Ex.: (SANTOS, 1985a), (SANTOS, 1985b).

8. A bibliografia deve ser apresentada no final do trabalho, em ordem alfabética de sobrenome do(s) autor(es), como nos seguintes exemplos.

- a) *no caso de livro*: SOBRENOME, Nome. *Título da obra*. Local de publicação: Editora, data. Ex.: VALVERDE, Orlando. *Estudos de Geografia Agrária Brasileira*. Petrópolis: editora Vozes, 1985.
- b) *No caso de capítulo de livro*: SOBRENOMO, Nome. Título do capítulo. In: SOBRENOMO, Nome (org.). *Título do livro*. Local de publicação: Editora, data, página inicial-página final. Ex.: FRANK, Mônica Weber. Análise geográfica para implantação do Parque Municipal de Niterói, Canoas – RS. In: SUERTEGARAY, Dirce. BASSO, Luís. VERDUM, Roberto (orgs.). *Ambiente e lugar no urbano: a Grande Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 67-93.
- c) *No caso de artigo*: SOBRENOME, Nome. Título do artigo. *Título do periódico*, local de publicação, volume do periódico, número do fascículo, página inicial- página final, mês(es). Ano. Ex.: SEABRA, Manoel F. G. Geografia(s)? *Orientação*, São Paulo, n.5, p. 9-17, out. 1984.
- d) *No caso de dissertações e teses*: SOBRENOME, Nome. *Título da dissertação (tese)*. Local: Instituição em que foi defendida, data. Número de páginas. (Categoria, grau e área de concentração). Ex.: SILVA, José Borzacchiello da. *Movimentos sociais populares em fortaleza: uma abordagem geográfica*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1986. 268p. (Tese, doutorado em Ciências: Geografia Humana).

9. As ilustrações (figuras, tabelas, desenhos, gráficos, fotografias...) devem ser enviadas preferencialmente em arquivos digitais (formatos JPG ou TIF). Caso contrário, adotar-se-à suporte de papel branco. Neste caso, as fotografias devem Ter suporte brilhante em preto & branco. As dimensões máximas, incluindo legenda e título, são de 15 cm, no sentido horizontal da folha, e 23 cm, no seu sentido vertical. Ao(s) autor(es) compete indicar a disposição preferencial de inserção das ilustrações no texto, utilizando, para isso, no lugar desejado, a seguinte indicação: [(fig., foto, quadro, tabela,...) (nº)].

10. Os originais serão apreciados pela Coordenação de Publicações, que poderá aceitar, recusar ou rerepresentar o original ao(s) autor(es) com sugestões de alterações editoriais. Os artigos serão enviados aos pareceristas, cujos nomes permanecerão em sigilo, omitindo-se também o(s) nome(s) do(s) autor(es). Os originais não aprovados serão devolvidos ao(s) autor(es).

11. A Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) se reserva o direito de facultar os artigos publicados para reprodução em seu sítio ou por meio de cópia xerográfica, com a devida citação da fonte. Cada trabalho publicado dá direito a três exemplares a seu(s) autor(es), no caso de artigo, e dois exemplares nos demais casos (notas, resenhas, comunicações,...).

12. Os conceitos emitidos nos trabalhos são de responsabilidade exclusiva do(s) autor(es), não implicando, necessariamente, na concordância da Coordenação de Publicações e/ou do Conselho Editorial.

13. Os trabalhos devem ser enviados à Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – Diretoria Executiva Nacional / Coordenação de Publicações – **Terra Livre** - Av. Prof. Lineu Prestes, 338 – Edifício Geografia e História – Cidade Universitária – CEP 05508-900 – São Paulo (SP) – Brasil / E-mail: terralivre_agb@yahoo.com.br

REVISTA TERRA LIVRE

NORMAS PARA PUBLICACIÓN

Terra Livre es una publicación semestral de la Asociación de los Geógrafos Brasileños (AGB) que tiene por objetivo divulgar materias concernientes a los temas presentes en la formación y práctica de los geógrafos y profesionales afines y su participación en la construcción de la ciudadanía.

En ella son escogidos textos sobre la forma de artículos, notas, reseñas, comunicaciones, entre otras, de todos los que se interesan y participan del conocimiento propiciado por la Geografía, y que estén relacionados con las discusiones que envuelven las teorías, metodologías y prácticas desarrolladas y utilizadas en este proceso, así como las condiciones y situaciones sobre las cuales se viene manifestando y sus perspectivas

1. Todos los textos enviados a esta revista deben ser inéditos y dirigidos en portugués, español, inglés o francés.

2. Los textos deben ser presentados con una extensión mínima de 15 y máxima de 30 hojas, con margen (derecha, izquierda, superior e inferior) de 3 cm. En hojas de papel blanco, formato A-4 (210x297mm), impreso en una sola cara, sin rasguños y/o rectificaciones, enviados en dos vías impresas acompañadas de versión en diskette (de 3,5") de computador estándar IBM PC, compuestas en *Word para Windows*, utilizando la fuente Times New Roman, tamaño 12, espacio 1 e ½.

3. La Sumilla debe contener el título (y subtítulo, si hubiera) en portugués, español, francés e inglés. En la segunda línea, el/los nombre(s) del/los autor(es), y, en la tercera, las informaciones referentes a la(s) institución(es) a la que pertenece(n), así como el/los correo(s) electrónico(s) y dirección postal.

4. El texto debe ser acompañado de resúmenes en portugués, español, francés e inglés, con mínimo de 10 e máximo de 15 líneas, en espacio simple, y una relación de 5 palabras clave que identifiquen el contenido del texto.

5. La estructura del texto debe ser dividida en partes no numeradas y con subtítulos. Es esencial que contenga introducción y conclusión o consideraciones finales.

6. Las Notas de zócalo no deberán ser usadas para referencias bibliográficas.

Ese recurso puede ser usado cuando sea extremadamente necesario y cada nota debe tener en torno de 3 líneas.

7. Las citas textuales largas (más de 3 líneas) deben constituir un párrafo independiente. Las menciones a ideas y/o informaciones en el transcurrir del texto deben subordinarse al esquema (Apellido del autor, fecha) o (Apellido del autor, fecha, página). Por ejemplo.: (OLIVEIRA, 1991) o (OLIVEIRA, 1991, p. 25). Si el nombre del autor está citado en el texto, se indica sólo la fecha entre paréntesis. Por ejemplo.: "A ese respeto, Milton Santos demostró los límites... (1989)". Diferentes títulos del mismo autor publicados en el mismo año deben ser identificados por una letra minúscula después de la fecha. Por ejemplo: (SANTOS, 1985a), (SANTOS, 1985b).

8. La bibliografía debe ser presentada a finales del trabajo, en orden alfabética de apellido de/los autor(es), como en los siguientes ejemplos.

- a) En el caso de libro: APELLIDO, Nombre. Título de la obra. Local de publicación: Editora, fecha. Por ejemplo.: VALVERDE, Orlando. Estudios de Geografía Agraria Brasileña. Petrópolis: editora Vozes, 1985
- b) En el caso de capítulo de libro: APELLIDO, Nombre. Título del capítulo. In: APELLIDO, Nombre (Org.). Título del libro. Local de publicación: Editora, fecha, página inicial-página final. Por ejemplo.: FRANK, Mónica Weber. Análisis geográfico para implantación del Parque Municipal de Niterói, Canoas – RS. In: SUERTEGARAY, Dirce. BASSO, Luís. VERDUM, Roberto (Orgs.). Ambiente y lugar en el urbano: La Gran Porto Alegre. Porto Alegre: Editora de la Universidad, 2000, p. 67-93
- c) En el caso de artículo: APELLIDO, Nombre. Título del artículo. Título del periódico, local de publicación, volumen del periódico, número del fascículo, página inicial-página final, mes(es). Año. Por ejemplo.: SEABRA, Manuel F. G. Geografía(s) Orientación, São Paulo, n.5, p. 9-17, out. 1984.
- d) En el caso de disertaciones y tesis: APELLIDO, Nombre. Título de la disertación (tesis). Local: Institución en que fue defendida, fecha. Número de páginas. (Categoría, grado y área de concentración). Por ejemplo.: SILVA, José Borzacchiello de la. Movimientos sociales populares en Fortaleza: un abordaje geográfico. São Paulo: Facultad de Filosofía, Letras y Ciencias Humanas de la Universidad de São Paulo, 1986. 268p. (Tesis, doctorado en Ciencias: Geografía Humana).

9. Las ilustraciones (figuras, cuadros, dibujos, gráficos, fotografías) deben ser enviadas preferentemente en archivos digitales (formatos JPG o TIF). De lo contrario, se adoptara el soporte de papel blanco. En este caso, las fotografías deben tener soporte brillante en negro & blanco. Las dimensiones máximas, incluyendo leyenda y título, son de 15 cm, en el sentido horizontal de la hoja, y 23 cm, en su sentido vertical. al/los autor(es) compite indicar la disposición preferente de inserción de las ilustraciones en el texto, utilizando, para eso, en el lugar deseado, la siguiente indicación: [(figura, foto, cuadro, tabla,...) (nº)].

10. Los originales serán apreciados por la Coordinación de Publicaciones, que podrá aceptar, rechazar o rerepresentar el original al/los autor(es) con sugerencias de alteraciones editoriales. Los artículos serán enviados a los revisores, cuyos nombres permanecerán en sigilo, omitiéndose también el/los nombre(s) del/los autor(es). Los originales no aprobados serán devueltos al/los autor(es).

11. La Asociación de los Geógrafos Brasileños (AGB) se reserva el derecho de facultar los artículos publicados para reproducción en su sitio o por medio de fotocopia, con a debida citación de la fuente. Cada trabajo publicado da derecho a tres ejemplares a su(s) autor(es), en el caso de artículo, y dos ejemplares en los demás casos (notas, reseñas, comunicaciones,...).

12. Los conceptos emitidos en los trabajos son de responsabilidad exclusiva de/los autor(es), no implicando, necesariamente, en la concordancia de la Coordinación de Publicaciones y/o del Consejo Editorial.

13. Los trabajos deben ser enviados a la Asociación de los Geógrafos Brasileños (AGB)
– Dirección Ejecutiva Nacional / Coordinación de Publicaciones – **Terra Livre** - Av. Prof.
Lineu Prestes, 338 – Edifício Geografia e Historia – Ciudad Universitaria – CEP 05508-900
– São Paulo (SP) – Brasil / / E-mail: terralivre_agb@yahoo.com.br

TERRA LIVRE*SUBMISSION GUIDELINES*

Terra Livre is a semestrial publication from the Association of Brazilian Geographers (ABG) that aims to divulge present matters and issues concerned with the geographers formation and practical affairs and with their participation in the construction of citizenship. This effort receive writings as articles, notes, releases and so, from everybody that are interested and participate of the knowledge shaped within Geography and that are related to the theoretical, methodological and practical discussions developed and used in this process, as far as under the conditions and situations that has been expressed and their perspectives.

1. All text contributions mailed to this publication must be unpublished and written in portuguese, spanish, english or french.

2. Texts must be presented in the minimum extention of 15 and the maximun of 30 sheets, with margins (right, left, top and bottom) of 3 cm, in white paper, A4 format (210 x 297 mm), printed in only one side, with no handmaded corrections, mailed in two printed copies and one 3 ½ flexible disk copy from (IBM PC compatible). The file format must be MS Word, text using Times New Roman font, size 12 and space 1 ½ between lines.

3. Header must have Title (and Subtitle if it's the case) in portuguese, spanish, french and english. The second line must have author(s) name(s) and, in the third line, information about the institution(s) where they work, as well as their e-mail and postal address.

4. Text must have abstracts in portuguese, spanish, french and english, from 10 to 15 lines, simple space between lines, and five keywords.

5. Text structure must be divided by not-numbered subtitles. It's recommended that all texts may have an introduction and a conclusion parts.

6. Footnotes may not be used for bibliographic references. This aspect should be used only if it's extremely necessary and each note must be a maximum of three lines long.

7. Long textual citations (more than 3 lines) must be in a different paragraph. When mentioning ideas or informations along the text, they must be formatted as (Author last name, date) or (Author last name, date, page). Example: (OLIVEIRA, 1991) or (OLIVEIRA, 1991, p. 25). When the author's name is part of the text, only the date must be parenthesis indicated. Example: "By this respect, Milton Santos showed the limits... (1989)." Different titles from the same author published in the same year must be identified by a low case letter after the date. Example: (SANTOS, 1985a), (SANTOS, 1985b).

8. Bibliography must be presented in the end of the text, in alphabetical order from the last names of the autors, as in the examples:

- a) *when it's a book*: LASTNAME, Name. *Book title*. Place of publication: Editors, date. Example: VALVERDE, Orlando. *Estudos de Geografia Agrária Brasileira*. Petrópolis: editora Vozes, 1985.

- b) *when it's a book chapter*: LASTNAME, Name. Chapter title. In: LASTNAME, Name (org.). *Book title*. Place of publication: Editors, date, first page-last page. Example: FRANK, Mônica Weber. Análise geográfica para implantação do Parque Municipal de Niterói, Canoas – RS. In: SUERTEGARAY, Dirce. BASSO, Luís. VERDUM, Roberto (orgs.). *Ambiente e lugar no urbano: a Grande Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 67-93.
- b) *When it's an article*: LASTNAME, Name. Article title. *Publication title*, place of publication, volume of publication, number of publication, firstpage- last page, month. Year. Ex.: SEABRA, Manoel F. G. Geografia(s)? *Orientação*, São Paulo, n.5, p. 9-17, out. 1984.
- c) *When it's a MSc, DSc or PHD Thesis*: LASTNAME, Name. *Thesis title*. Place: Institution, date. Number of pages. (Type, degree and knowledge field). Ex.: SILVA, José Borzacchiello da. *Movimentos sociais populares em Fortaleza: uma abordagem geográfica*. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1986. 268p. (Tese, doutorado em Ciências: Geografia Humana).

9. All images, figures, tables, drawings, graphs, maps and pictures must be mailed attached as digital files (JPG or TIF formats are accepted). If it's not in digital format, we prefer printings in white paper. In this cases, photos must be supported in brilliant papers and printed in black & white standard. Maximum size, including legends and titles, are Height: 15 cm and Width: 23 cm. The authors must indicate the right position to insert the pictures in the text, indicating as [(fig, photo, chart, table,...) (number)].

10. The original submission materials will be evaluated by the Coordination of Publications of ABG, that can accept, refuse or return the original materials for further editing by the authors. The text will be sent to the scientific commission members, whose names will not be divulged, as well as the author's names that are submitting materials. The original texts not approved will be returned to the authors.

11. The Association of Brazilian Geographers reserves the right to publish all approved articles in it's internet website, in the regular printed publication and in any other media, but granting the authors and other sources citation, as well. Each published article allow three printed volumes to their authors. Other types of contributions (notes, comments etc.) allows two printed volumes to their authors.

12. The concepts evolved in the contributions are from entire response of their authors, and are not, necessarily, of agreement from the Publications Coordinator of ABG nor the scientific commission members.

13. Submissions must be sent to Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) – Diretoria Executiva Nacional / Coordenação de Publicações – **Terra Livre** - Av. Prof. Lineu Prestes, 338 – Edifício Geografia e História – Cidade Universitária – CEP 05508-900 – São Paulo (SP) – Brasil / E-mail: terralivre_agb@yahoo.com.br

Compêndio dos números anteriores

- 01) MOREIRA, Ruy. O Plano Nacional de Reforma Agrária em questão. Ano 1, n. 1, p. 6-19, 1986.
- 02) THOMAZ JÚNIOR, Antonio. As agroindústrias canavieiras em Jaboticabal e a territorialização do monopólio. Ano 1, n. 1, p. 20-25, 1986.
- 03) OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A Apropriação da renda da terra pelo capital na citricultura paulista. Ano 1, n. 1, p. 26-38, 1986.
- 04) VALVERDE, Orlando. A floresta amazônica e o ecodesenvolvimento. Ano 1, n. 1, p. 39-42, 1986.
- 05) SALES, W. C. de C., CAPIBARIBE, P. J. A., RAMOS, P., COSTA, M. C. L. da. Os agrotóxicos e suas implicações socioambientais. Ano 1, n. 1, p. 43-45, 1986.
- 06) CARVALHO, Marcos Bernardino de. A natureza na Geografia do ensino médio. Ano 1, n. 1, p. 46-52, 1986.
- 07) SANTOS, Douglas. Estado nacional e capital monopolista. Ano 1, n. 1, p. 53-61, 1986.
- 08) CORRÊA, Roberto Lobato. O enfoque locacional na Geografia. Ano 1, n. 1, p. 62-66, 1986.
- 09) PONTES, Beatriz Maria Soares. Uma avaliação da Lei Nacional do Uso do Solo Urbano. Ano 1, n. 1, p. 67-72, 1986.
- 10) PLANO DIRETOR DA AGB NACIONAL GESTÃO 85/86. Ano 1, n. 1, p. 73-75, 1986.
- 11) A AGB e o documento final do projeto diagnóstico e avaliação do ensino de Geografia no Brasil. Ano 1, n. 1, p. 76-77, 1986.
- 12) GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Reflexões sobre Geografia e Educação: notas de um debate. n. 2, p. 9-42, jul. 1987.
- 13) VLACH, Vânia Rúbia Farias. Fragmentos para uma discussão: método e conteúdo no ensino da Geografia de 1º e 2º graus. n. 2, p. 43-58, jul. 1987.
- 14) VESENTINI, José William. O método e a práxis (notas polêmicas sobre Geografia tradicional e Geografia crítica). n. 2, p. 59-90, jul. 1987.
- 15) REGO, Nelson. A unidade (divisão) da Geografia e o sentido da prática. n. 2, p. 91-114, jul. 1987.
- 16) PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Análise dos planos de ensino da Geografia. n. 2, p. 115-127, jul. 1987.
- 17) PAGANELLI, Tomoko Iyda. Para a construção do espaço geográfico na criança. n. 2, p. 129-148, jul. 1987.
- 18) VIANA, P. C. G., FOWLER, R. B., ZAPPÍA, R. S., MEDEIROS, M. L. M. B. de. Poluição das águas internas do Paraná por agrotóxico. n. 2, p. 149-154, jul. 1987.

- 19) AB'SABER, Aziz Nacib. Espaço territorial e proteção ambiental. n. 3, p. 9-31, mar. 1988.
- 20) GOMES, Horieste. A questão ambiental: idealismo e realismo ecológico. n. 3, p. 33-54, mar. 1988.
- 21) BERRÍOS, ROLANDO. Planejamento ambiental no Brasil. n. 3, p. 55-63, mar. 1988.
- 22) BRAGA, Ricardo Augusto Pessoa. Avaliação de impactos ambientais: uma abordagem sistêmica. n. 3, p. 65-74, mar. 1988.
- 23) LIMA, Samuel do Carmo. Energia nuclear – uma opção perigosa. n. 3, p. 75-88, mar. 1988.
- 24) SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes e SCHÄFFER, Neiva Otero. Análise ambiental: a atuação do geógrafo para e na sociedade. n. 3, p. 89-103, mar. 1988.
- 25) ESTRADA, Maria Lúcia. Algumas considerações sobre a Geografia e o seu ensino - o caso da industrialização brasileira. n. 3, p. 105-120, mar. 1988.
- 26) MESQUITA, Zilé. Os “espaços” do espaço brasileiro em fins do século XX n. 4, p. 9-38, jul. 1988.
- 27) RIBEIRO, Wagner Costa. Relação espaço/tempo: considerações sobre a materialidade e dinâmica da história humana. n. 4, p. 39-53, jul. 1988.
- 28) SILVA, José Borzacchiello da. Gestão democrática do espaço e participação dos Geógrafos. n. 4, p. 55-76, jul. 1988.
- 29) REGO, Nelson. A experiência de autogestão dos trabalhadores agrários de Nova Ronda Alta e o seu significado para o Movimento dos Sem Terra. n. 4, p. 65-76, jul. 1988.
- 30) VALLEJO, Luiz Renato. Ecodesenvolvimento e o mito do progresso. n. 4, p. 77-87, jul. 1988.
- 31) VLACH, Vânia Rubia Farias. Rediscutindo a questão acerca do livro didático de Geografia para o ensino de 1º e 2º graus. n. 4, p. 89-95, jul. 1988.
- 32) SCHÄFFER, Neiva Otero. Os estudos sociais ocupam novamente o espaço... da discussão. n. 4, p. 97-108, jul. 1988.
- 33) SANTOS, Milton. O espaço geográfico como categoria filosófica. n. 5, p. 9-20, 1988.
- 34) SOUZA, Marcelo José Lopes de. “Espaciologia”: uma objeção (crítica aos prestigiamientos pseudo-críticos do espaço social). n. 5, p. 21-45, 1988.
- 35) GOMES, Paulo César da Costa e COSTA, Rogério Haesbaert da. O espaço na modernidade). n. 5, p. 47-67, 1988.
- 36) SILVA, Mário Cezar Tompes da. O papel do político na construção do espaço dos homens). n. 5, p. 69-82, 1988.
- 37) SOUZA Marcos José Nogueira de. Subsídios para uma política conservacionista dos recursos naturais renováveis do Ceará). n. 5, p. 83-101, 1988.

- 38) KRENAK, Ailton. Tradição indígena e ocupação sustentável da floresta. n. 6, p. 9-18, ago. 1989.
- 39) MOREIRA, Ruy. A marcha do capitalismo e a essência econômica da questão agrária no Brasil. n. 6, p. 19-63, ago. 1989.
- 40) SADER, Regina. Migração e violência: o caso da Pré-Amazônia Maranhense. n. 6, p. 65-76, ago. 1989.
- 41) FAULHABER, Priscila. A terceira margem: índios e ribeirinhos do Solimões. n. 6, p. 77-92, ago. 1989.
- 42) TARELHO, Luiz Carlos. Movimento Sem Terra de Sumaré. Espaço de conscientização e de luta pela posse da terra. n. 6, p. 93-104, ago. 1989.
- 43) OLIVEIRA, Bernadete de Castro. Reforma agrária para quem? Discutindo o campo no estado de São Paulo. n. 6, p. 105-114, ago. 1989.
- 44) BARBOSA, Ycarim Melgaço. O movimento camponês de Trombas e Formoso. n. 6, p. 115-122, ago. 1989.
- 45) MENDES, Chico. A luta dos povos da floresta. n. 7, p. 9-21, 1990.
- 46) BARROS, Raimundo. O seringueiro. n. 7, p. 23-42, 1990.
- 47) GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A defesa da natureza começa pela terra. n. 7, p. 43-52, 1990.
- 48) COLTRINARI, Lylian. A Geografia e as mudanças ambientais. n. 7, p. 53-57, 1990.
- 49) SILVA, Armando Corrêa da. Ponto de vista: o pós-marxismo e o espaço cotidiano. n. 7, p. 59-62, 1990.
- 50) COSTA, Rogério Haesbaert da. Filosofia, Geografia e crise da modernidade. n. 7, p. 63-92, 1990.
- 51) RIBEIRO, Wagner Costa. Maquiavel: uma abordagem geográfica e (geo)política. n. 7, p. 3-107, 1990.
- 52) CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos e GOULART, Lígia Beatriz. Uma contribuição à reflexão do ensino de geografia: a noção de espacialidade e o estatuto da natureza. n. 7, p. 109-118, 1990.
- 53) CORDEIRO, Helena K. Estudo sobre o centro metropolitano de São Paulo. n. 8, p. 7-33, abr. 1991.
- 54) MAURO, C. A., VITTE, A. C., RAIZARO, D. D., LOZANI, M. C. B., CECCATO, V. A. Para salvar a bacia do Piracicaba. n. 8, p. 35-66, abr. 1991.
- 55) PAVIANI, Aldo. Impactos ambientais e grandes projetos: desafios para a universidade. n. 8, p. 67-76, abr. 1991.
- 56) FURIAN Sônia. "A nave espacial terra: para onde vai?" n. 8, p. 77-82, abr. 1991.
- 57) ALMEIDA, Rosângela D. de. A propósito da questão teórico-metodológica sobre o ensino de Geografia. n. 8, p. 83-90, abr. 1991.

- 58) FILHO, Fadel D. Antonio e ALMEIDA, Rosângela D. de. A questão metodológica no ensino da Geografia: uma experiência. n. 8, p. 91-100, abr. 1991.
- 59) ESCOLAR, M., ESCOLAR, C., PALACIOS, S. Q. Ideologia, didática e corporativismo: uma alternativa teórico-metodológica para o estudo histórico da Geografia no ensino primário e secundário. n. 8, p. 101-110, abr. 1991.
- 60) ARAÚJO, Regina e MAGNOLI, Demétrio. Reconstruindo muros: crítica à proposta curricular de Geografia da CENP-SP. n. 8, p. 111-119, abr. 1991.
- 61) PEREIRA, D., SANTOS, D., CARVALHO, M. de. A Geografia no 1º grau: algumas reflexões. n. 8, p. 121-131, abr. 1991.
- 62) SOARES, Maria Lúcia de Amorim. A cidade de São Paulo no imaginário infantil piedadense. n. 8, p. 133-155, abr. 1991.
- 63) MAMIGONIAN, Armen. A AGB e a produção geográfica brasileira: avanços e recuos. n.8, p. 157-162, abr. 1991.
- 64) SANTOS, Milton. A evolução tecnológica e o território: realidades e perspectivas. n. 9, p. 7-17, jul./dez. 1991.
- 65) LIMA, Luiz Cruz. Tecnopólo: uma forma de produzir na modernidade atual. n. 9, p. 19-40, jul./dez. 1991.
- 66) GUIMARÃES, Raul Borges. A tecnificação da prática médica no Brasil: em busca de sua geografização. n. 9, p. 41-55, jul./dez. 1991.
- 67) PIRES, Hindemburgo Francisco. As metamorfoses tecnológicas do capitalismo no período atual. n. 9, p. 57-89, jul./dez. 1991.
- 68) OLIVEIRA, Márcio de. A questão da industrialização no Rio de Janeiro: algumas reflexões. n. 9, p. 91-101, jul./dez. 1991.
- 69) HAESBAERT, Rogério. A (des)or-dem mundial, os novos blocos de poder e o sentido da crise. n. 9, p. 103-127, jul./dez. 1991.
- 70) SILVA, Armando Corrêa da. Ontologia analítica: teoria e método. n. 9, p. 129-133, jul.-dez. 1991.
- 71) SILVA, Eunice Isaías da. O espaço: une/separa/une. n. 9, p. 135-141, jul./dez. 1991.
- 72) ANDRADE, Manuel Correia de. A AGB e o pensamento geográfico no Brasil. n. 9, p. 143-152, jul./dez.1991.
- 73) MORAES, Rubens Borba de. Contribuições para a história do povoamento em São Paulo até fins do século XVIII. n. 10, p. 11-22, jan./jul. 1992.
- 74) AZEVEDO de Aroldo. Vilas e cidades do Brasil colonial. n. 10, p. 23-78, jan./jul. 1992.
- 75) PETRONE, Pasquale. Notas sobre o fenômeno urbano no Brasil. n. 10, p. 79-92, jan./jul. 1992.
- 76) CORRÊA, Roberto Lobato. A vida urbana em Alagoas: a importância dos meios de transporte na sua evolução. n.10, p. 93-116, jan./jul. 1992.

- 77) VALVERDE, Orlando. Pré-história da AGB carioca. n. 10, p. 117-122, jan./jul. 1992.
- 78) SOUZA, Marcelo José Lopes de. Planejamento Integrado de Desenvolvimento: natureza, validade e limites. n. 10, p. 123-139, jan./jul. 1992.
- 79) ANDRADE, Manuel Correia de. América Latina: presente, passado e futuro. n. 10, p. 140-148, jan./jul. 1992.
- 80) GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Geografia política e desenvolvimento sustentável. n. 11-12, p. 9-76, ago. 92 - ago. 93.
- 81) RODRIGUES, Arlete Moysés. Espaço, meio ambiente e desenvolvimento: reeleituras do território. n. 11-12, p. 77-90, ago. 92 - ago. 93.
- 82) EVASO, A. S., VITIELLO, M. A., JUNIOR, C. B., NOGUEIRA, S. M., RIBEIRO, W. C. Desenvolvimento sustentável: mito ou realidade? n. 11-12, p. 91-101, ago. 92 - ago. 93.
- 83) DAVIDOVICH, Fany. Política urbana no Brasil, ensaio de um balanço e de perspectiva. n. 11-12, p. 103-117, ago. 92 - ago. 93.
- 84) MARTINS, Sérgio. A produção do espaço na fronteira: a acumulação primitiva revisitada. n. 11-12, p. 119-133, ago. 92 - ago. 93.
- 85) IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. Os dilemas históricos da questão agrária no Brasil. n. 11-12, p. 135-151, ago. 92 - ago. 93.
- 86) FERNANDES, Bernardo Mançano. Reforma agrária e modernização no campo. n. 11-12, p. 153-175, ago. 92 - ago. 93.
- 87) ROCHA, Genylton Odilon Rêgo da. Ensino de Geografia e a formação do geógrafo-educador. n. 11-12, p. 177-188, ago. 92 - ago. 93.
- 88) PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Licenciandos de Geografia e as representações sobre o "ser professor". n. 11-12, p. 189-207, ago. 92 - ago. 93.
- 89) VESENTINI, José William. O novo papel da escola e do ensino da Geografia na época da terceira revolução industrial. n. 11-12, p. 209-224, ago. 92 - ago. 93.
- 90) PAGANELLI, Tomoko Iyda. Iniciação às ciências sociais: os grupos, os espaços, os tempos. n. 11-12, p. 225-236, ago. 92 - ago. 93.
- 91) RIBEIRO, Wagner Costa. Do lugar ao mundo ou o mundo no lugar? n. 11-12, p. 237-242, ago. 92 - ago. 93.
- 92) PINHEIRO, Antonio Carlos e MASCARIN, Silvia Regina. Problemas sociais da escola e a contribuição do ensino de Geografia. n. 11-12, p. 243-264, ago. 92 - ago. 93.
- 93) SILVA, Armando Corrêa da. A contrérsia modernidade x pós-modernidade. n. 11-12, p. 265-268, ago. 92 - ago. 93.
- 94) ROSA, Paulo Roberto de Oliveira. Contextos e circunstâncias: princípio ativo das categorias. n. 11-12, p. 269-270, ago. 92 - ago. 93.
- 95) CALLAI, Helena Copetti. O meio ambiente no ensino fundamental. n. 13, p. 9-19, 1997.

- 96) CAMARGO, L. F. de F., FORTU-NATO, M. R. Marcas de uma política de exclusão social para a América Latina. n. 13, p. 20-29, 1997.
- 97) KAERCHER, Nestor André. PCN's: futebolistas e padres se encontram num Brasil que não conhecemos. n. 13, p. 30-41, 1997.
- 98) CARVALHO, Marcos B. de. Ratzel: releituras contemporâneas. Uma reabilitação? n. 13, p. 42-60, 1997.
- 99) PONTES, Beatriz Maria Soares. Economia e território sob a ótica do estado autoritário (1964-1970). n. 13, p. 61-90, 1997.
- 100) SOUSA NETO, Manuel Fernandes de. A ágora e o agora. n. 14, p. 11-21, jan./jul. 1999.
- 101) FILHO, Manuel Martins de Santana. Sobre uma leitura alegórica da escola. n. 14, p. 22-29, jan./jul. 1999.
- 102) COUTO, Marcos Antônio Campos e ANTUNES, Charlles da França. A formação do professor e a relação escola básica-universidade: um projeto de educação. n. 14, p. 30-40, jan./jul. 1999.
- 103) PEREIRA, Diamantino. A dimensão pedagógica na formação do geógrafo. n. 14, p. 41-47, jan./jul. 1999.
- 104) CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. A formação de professores e o ensino de Geografia. n. 14, p. 48-55, jan./jul. 1999.
- 105) CALLAI, Helena Copetti. A Geografia no ensino médio. n. 14, p. 56-89, jan./jul. 1999.
- 106) PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Interdisciplinaridade: aproximações e fazeres. n. 14, p. 90-110, jan./jul. 1999.
- 107) CAVALCANTI, Lana de Souza. Propostas curriculares de Geografia no ensino: algumas referências de análise. n. 14, p. 111-128, jan./jul. 1999.
- 108) SOUZA NETO, Manoel Fernandes de. A Ciência Geográfica e a construção do Brasil. n. 15, p. 9-20, 2000.
- 109) DAMIANI, Amélia Luísa. A metrópole e a indústria: reflexões sobre uma urbanização crítica. n. 15, p. 21-37, 2000.
- 110) SOUZA, Marcelo Lopes de. Os orçamentos participativos e sua espacialidade: uma agenda de pesquisa. n. 15, p. 39-58, 2000.
- 111) FERNANDES, Bernardo Mançano. Movimento social como categoria geográfica. n. 15, p. 59-85, 2000.
- 112) ALENTEJANO, Paulo Roberto R. O que há de novo no rural brasileiro? n. 15, p. 87-112, 2000.
- 113) BRAGA, Rosalina. Formação inicial de professores: uma trajetória com permanências eivadas por dissensos e impasses. n. 15, p. 113-128, 2000.
- 114) ROCHA, Genylton Odilon Rego da. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de Geografia do Brasil. n. 15, p. 129-144, 2000.

- 115) PONTUSCHKA, Nídia Nacib. Geografia, representações sociais e escola pública. n. 15, p. 145-154, 2000.
- 116) OLIVEIRA, Márcio Piñon. Geografia, Globalização e cidadania. n. 15, p. 155-164, 2000.
- 117) GONÇALVES, Carlos Walter Porto. “Navegar é preciso, viver não é preciso”: estudo sobre o Projeto de Perenização da Hidrovia dos Rios das Mortes: Araguaia e Tocantins. n. 15, p. 167-213, 2000.
- 118) VITTE, Antonio Carlos. Considerações sobre a teoria da *etchplanação* e sua aplicação nos estudos das formas de relevo nas regiões tropicais quentes e úmidas. n. 16, p. 11-24, 2001.
- 119) RAMIRES, Blanca. Krugman y el regreso a los modelos espaciales: ¿La nueva geografía? n. 16, p. 25 - 38, 2001.
- 120) FERREIRA, Darlene Ap. de Oliveira. Geografia Agrária no Brasil: periodização e conceituação. n. 16, p. 39-70, 2001.
- 121) MAIA, Doralice Sátyro. A Geografia e o estudo dos costumes e das tradições. n. 16, p. 71-98, 2001.
- 122) SPOSITO, Eliseu. A propósito dos paradigmas de orientações teórico-metodológicas na Geografia contemporânea. n. 16, p. 99-112, 2001.
- 123) MENDONÇA, Francisco. Geografia socioambiental. n. 16, p. 113-132, 2001.
- 124) CALLAI, Helena Copetti. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o Ensino? n. 16, p. 133-152, 2001.
- 125) PIRES, Hindenburgo Francisco. “*Ethos*” e mitos do pensamento único globaltotalitário. n. 16, p. 153-168, 2001.
- 126) REGO, Nelson. SUERTEGARAY, Dirce Maria. HEIDRICH, Álvaro. O ensino de Geografia como uma hermenêutica instauradora. n. 16, p. 169-194, 2001.
- 126) SUERTEGARAY, Dirce M. Antunes; NUNES, João Osvaldo Rodrigues. A natureza da Geografia Física na Geografia. n. 17, p. 11-24, 2001.
- 127) OLIVA, Jaime Tadeu. O espaço geográfico como componente social. n. 17, p. 25-48, 2001.
- 128) NETO, João Lima Sant’anna. Por uma Geografia do Clima – antecedentes históricos, paradigmas contemporâneos e uma nova razão para um novo conhecimento. n. 17, p. 49-62, 2001.
- 129) SEGRELLES, José Antonio. Hacia una enseñanza comprometida y social de la Geografía en la universidad. n. 17, p. 63-78, 2001.
- 130) RIBEIRO, Júlio César; GONÇALVES, Marcelino Andrade. Região: uma busca conceitual pelo viés da contextualização histórico-espacial da sociedade. n. 17, p. 79-98, 2001.
- 131) CIDADE, Lúcia Cony Faria. Visões de mundo, visões da Natureza e a formação de paradigmas geográficos. n. 17, p. 99-118, 2001.

- 132) NETO, Manuel Fernandes de Sousa. Geografia nos trópicos: história dos naufragos de uma Jangada de Pedras. n. 17, p. 119-138, 2001.
- 133) ANJOS, Rafael Sanzio Araújo dos. O espaço geográfico dos remanecentes de antigos quilombos no Brasil. n. 17, p. 139-154, 2001.
- 134) GUIMARÃES, Raul Borges. Saúde urbana: velho tema, novas questões. n. 17, p. 155-170.
- 135) CAPEL, Horácio. A Geografia depois dos atentados de 11 de setembro. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 11-36.
- 136) HAESBAERT, Rogério. A multiterritorialidade do mundo e o exemplo da Al Qaeda. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 37-46.
- 137) ZANOTELLI, Cláudio Luiz. Globalização, Estado e culturas criminosas. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 47-62.
- 138) SEGRELLES, José Antonio. Integração regional e globalização. Uma reflexão sobre casos do Mercado Comum do Sul (Mercosul) e da Área de Livre Comércio das Américas desde uma perspectiva europeia. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 63-74,
- 139) RIBEIRO, Wagner Costa. Mudanças climáticas, realismo e multilateralismo. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 75-84.
- 140) MANGANO, Stefania. Evolução do conceito da planificação territorial na Itália. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 85-94.
- 141) STRAFORINI, Rafael. A totalidade do mundo nas primeiras séries do ensino fundamental: um desafio a ser enfrentado. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 95-114.
- 142) KEINERT, Tânia M. M., KARRUZ, Ana Paula, KARRUZ, Silvia Maria. Sistemas locais de informação e a gestão pública da qualidade de vida nas cidades locais. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 115-132.
- 143) GOMES, Edvânia Tõrres Aguiar. Dilemas nas (re)estruturações das metrópoles. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 133-142.
- 144) DINIZ Filho, Luis Lopes. Contribuições e equívocos das abordagens marxistas na Geografia Econômica: um breve balanço. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 143-160.
- 145) CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Geografia brasileira, hoje: algumas reflexões. Ano 18, v. 1, n. 18, p. 161-178.
- 146) NUNES, Luci Hidalgo. Discussão acerca de mudanças climáticas (notas). Ano 18, v. 1, n. 18, p. 179-184.
- 147) MELAZZO, Everaldo Santos. Renda de cidadania: a saída é pela porta (resenha). Ano 18, v. 1, n. 18, p. 185-186.
- 148) RAMIREZ, Blanca. Terra Incognitae: el surgimiento de nuevas regiones y territorios em el marco de la globalización (resenha). Ano 18, v. 1, n. 18, p. 187-190.
- 149) MARTIN, Jean-Yves. Uma Geografia da nova radicalidade popular: algumas reflexões a partir do caso do MST. Ano 18, v. 2, n.19, p. 11-35.

- 150) CALLE, Angel. Análisis comparado de movimientos sociales: MST, Guatemala y España. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 37-58.
- 151) CALDERÓN ARAGÓN, Georgina. Un lugar en la bandera (la marcha zapatista). Ano 18, v. 2, n. 19, p. 59-74.
- 152) FABRINI, João Edmilson. O projeto do MST de desenvolvimento territorial dos assentamentos e campesinato. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 75-94.
- 153) MARQUES, Marta Inez Medeiros. O conceito de espaço rural em questão. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 95-112.
- 154) FERNANDES, Bernardo M., DA PONTE, Karina F. As vilas rurais do Estado do Paraná e as novas ruralidades. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 113-126.
- 155) SMITH, Neil. Geografia, diferencia y las políticas de escala. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 127-146.
- 156) ARANA, Alva Regina Azevedo. Os avicultores integrados no Brasil: estratégias e adaptações – o caso Coperguaçu Descalvado – SP. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 147-162.
- 157) GÓES, Eda, MAKINO, Rosa Lúcia. As unidades prisionais do Oeste Paulista: implicações do aprisionamento e do fracasso da tentativa da sociedade de isolar por completo parte de si mesma. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 163-176.
- 158) LEAL, Antonio Cezar, THOMAZ Jr., Antonio, ALVES, Neri, GONÇALVES, Marcelino A., DIVIESO, Eduardo P., CANTÓIA, Silvia, GOMES, Adriana M., GONÇALVES, Sara Maria M. P. S., ROTTA, Valdir E. A reinserção do lixo na sociedade do capital: uma contribuição ao entendimento do trabalho na catação e na reciclagem. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 177-190.
- 159) SANTOS, Clézio. Globalização, turismo e seus efeitos no meio ambiente. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 191-198.
- 160) REGO, Nelson. Geração de ambiências: três conceitos articuladores. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 199-212.
- 161) SILVA, Silvio Simione. A liberdade no “fazer ciência” em Geografia. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 213-228.
- 162) SILVA, Tânia Paula da. Fundamentos teóricos do cooperativismo agrícola e o MST. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 229-242.
- 163) TFOUNI, Leda Verdiani, ROMÃO, Lucília Maria Sousa. O discurso sobre Canudos e a retórica do massacre. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 243-256.
- 164) FRANCO GARCÍA, Maria, THOMAZ Jr., Antonio. Trabalhadoras rurais e luta pela terra no Brasil: interlocução entre gênero, trabalho e território. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 257-272.
- 165) STACCIARINI, José Henrique Rodrigues. Ética, humanidade e ações por cidadania: do *impeachment* de Collor ao Fome Zero do governo Lula. Ano 18, v. 2, n. 19, p. 273-284.

- 166) BESSAT, Frédéric. A mudança climática entre ciência, desafios e decisões: olhar geográfico. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 11-26.
- 167) SARTORI, Maria da Graça Barros. A dinâmica do clima do Rio Grande do sul: indução empírica e conhecimento científico. Ano 19, v. 1, n. 19, p. 27-49.
- 168) SANT'ANNA Neto, João Lima. Da complexidade física do universo ao cotidiano da sociedade: mudança, variabilidade e ritmo climático. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 51-63.
- 169) ZAVATINI, João Afonso. A produção brasileira em climatologia: o tempo e o espaço nos estudos do ritmo climático. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 65-100.
- 170) NUNES, Lucí Hidalgo. Repercussões globais, regionais e locais do aquecimento global. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 101-110.
- 171) SILVA, Maria Elisa Siqueira, GUETTER, Alexandre K. Mudanças climáticas regionais observadas no Estado do Paraná. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 111-126.
- 172) PACIORNIK, Newton. Mudança global do clima: repercussões globais, regionais e locais. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 127-135.
- 173) VERÍSSIMO, Maria Elisa Zanella. Algumas considerações sobre o aquecimento global e suas repercussões. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 137-143.
- 174) ASSIS, Eleonora Sad de. Métodos preditivos da climatologia como subsídios ao planejamento urbano: aplicação em conforto térmico. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 145-158.
- 175) FRAGA, Nilson César. Clima, gestão do território e enchentes no Vale do Itajaí-SC. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 159-170.
- 176) BEJARÁN, R., GARÍN, A. De, SCHWEIGMANN, N. Aplicación de la predicción meteorológica para el pronóstico de la abundancia potencial del *Aedes aegypti* en Buenos Aires. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 171-178.
- 177) FERREIRA, Maria Eugenia M. Costa. “Doenças tropicais”: o clima e a saúde coletiva. Alterações climáticas e a ocorrência de malária na área de influência do reservatório de Itaipu, PR. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 179-191.
- 178) CONFALONIERI, Ulisses E. C. Variabilidade climática, vulnerabilidade social e saúde no Brasil. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 193-204.
- 179) MENDONÇA, Francisco. Aquecimento global e saúde: uma perspectiva geográfica – notas introdutórias. Ano 19, v. 1, n. 20, p. 205-221.
- 180) CLAVAL, Paul. The logic of multilingual cities and their political problems. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 11-23.
- 181) ALENTEJANO, Paulo Roberto R. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 25-39.
- 182) BOMBARDI, Larissa Mies. Geografia Agrária e responsabilidade social da ciência. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 41-53.
- 183) GRABOIS, José, CEZAR, Lucia Helena da S., SANTOS, Cátia P. dos, GREGÓRIO Filho, Gregório. O habitat e a questão social no Noroeste Fluminense. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 55-71.

- 184) ALMEIDA, Rose Aparecida de. O conceito de classe camponesa em questão. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 73-88.
- 185) FERNANDES, Bernardo M., SILVA, Anderson A., GIRARDI, Eduardo P. DATA-LUTA – Banco de Dados da Luta pela Terra: uma experiência de pesquisa e extensão no estudo da territorialização da luta pela terra. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 89-112.
- 186) OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 113-156.
- 187) BERNARDES, Júlia Adão. Territorialização do capital, trabalho e meio ambiente em Mato Grosso. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 157-167.
- 188) ABREU, Silvana de. Racionalização e ideologia: o domínio do capital no espaço matogrossense. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 169-181.
- 189) OLIVEIRA, Cristiane Fernandes de. A busca do desenvolvimento sustentável na gestão dos recursos hídricos brasileiros. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 183-192.
- 190) PASSOS, Messias Modesto dos. A construção da paisagem no Pontal do Paranapanema – uma apreensão geo-foto-gráfica. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 193-211.
- 191) MARTINS, César Augusto Ávila. Empresas na pesca e aquicultura: anotações do uso do território. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 213-223.
- 192) ZANOTELLI, Cláudio Luiz. Desterritorialização da violência no capitalismo globalitário: o caso do Brasil e do Espírito Santo. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 225-240.
- 193) MORATO, Rúbia G., KAWAKUBO, Fernando S., LUCHIARI, Ailton. Mapeamento da qualidade de vida em áreas urbanas: conceitos e metodologias. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 241-248.
- 194) HENRIQUE, Wendel. A natureza nos interstícios do social – uma leitura das idéias de natureza nas obras de Milton Santos. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 249-262.
- 195) PANCHER, Andréia M. FREITAS, Maria Isabel C. de. Mapeamento do crescimento urbano em áreas de várzea na passagem do Rio Corumbataí por Rio Claro/SP. Ano 19, v. 2, n. 21, p. 263-279.
- 196) SPOSITO, Eliseu Savério. Dinâmica regional e diversificação industrial (Resenha). Ano 19, v. 2, n. 21, p. 281-284.
- 197) SEABRA, Manoel. Os primeiros anos da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 13-68.
- 198) VIEIRA, Alexandre B., PEDON, Nelson R. O papel das comunidades científicas: a AGB Nacional e a Seção Local de Presidente Prudente/SP. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 71-83.
- 199) Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Dourados. AGB – Seção Dourados: memória e história de um processo de construção coletiva. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 85-97.
- 200) SANTANA, Mário Rubem C., AMORIM, Itamar G. De, GOMES, Denize S. AGB – Salvador, quase 50 anos de Geografia. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 99-112.
- 201) FONTOURA, Luiz Fernando M., DUTRA, Viviane S. Os 30 anos da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 113-123.

- 202) CROCETTI, Zeno Soares. AGB: Desejos de transformação. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 125-132.
- 203) CHAVES, Manoel R., MESQUITA, Helena A. da, MENDONÇA, Marcelo R. Inserção, crítica e intervenção na realidade: a AGB e a Geografia em Catalão – GO. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 133-143.
- 204) ALENTEJANO, Paulo Roberto R. AGB-Rio: 68 anos de história. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 145-152.
- 205) FONSECA, Valter Machado da. A história da AGB – Uberaba (MG) e a perspectiva de construção de um pólo do pensamento geográfico no Triângulo Mineiro. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 153-160.
- 206) ROMANCINI, Sônia R., SILVESTRI Magno. Trajetória histórica e perspectivas da AGB – Seção Local Cuiabá. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 161-168.
- 207) GOMES, Horieste. Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Goiânia. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 169-176.
- 208) ANTUNES, Charlles da França. AGB-Niterói: notas de um começo de história. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 177-189.
- 209) Diretoira Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Bauru. O trabalho técnico-político-pedagógico da Associação dos Geógrafos Brasileiros na Seção Local Bauru – AGB/Bauru. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 189-195.
- 210) RODRIGUES, Arlete Moysés. Contribuição da AGB na construção da Geografia Brasileira: uma outra Geografia sempre é possível. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 199-209.
- 211) ANDRADE, Manuel C. De. A AGB – 1961/62 – Um depoimento. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 211-212.
- 212) ALEGRE, Marcos. Os setenta anos da AGB 1934 – 2004. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 213-230.
- 213) ALVES, William Rosa. A permanente busca do horizonte: a história da AGB-BH. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 231-255.
- 214) RODRIGUES, Renata M. de A. Estudos de Impacto Ambiental e o perfil do geógrafo. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 237-248.
- 215) ELIAS, Denise, RODRIGUES, Renata M. de A. Os presidentes da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Ano 20, v. 1, n. 22, p. 251-260.
- 216) BENKO, Georges. Murano et les verries: un district industriel pas comme les autres. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 15-34.
- 217) HAESBAERT, Rogério. Precarização, Reclusão e “exclusão” territorial. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 35-51.
- 218) GOETTERT, Jones Dari. “Lúcia Gramado Kaigang”: como me redescobri na Serra Gaúcha. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 53-74.
- 219) REFFATTI, Lucimara Vizzotto, REGO, Nelson. Representações de mundo, geografias adversas e manejo simbólico – aproximações entre clínica psicopedagógica e ensino de Geografia. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 75-85.

- 220) SILVEIRA, María Laura. Escala geográfica: da ação ao império?. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 87-96.
- 221) LIMA, Luiz C., MONIÉ, Frédéric, BATISTA, Francisca G. A nova geografia econômica mundial e a emergência de um novo sistema portuário no Estado do Ceará: o Porto do Pecém. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 97-109.
- 222) KAWAKUBO, Fernando S., MORATO, Rúbia G., CORREIA JUNIOR, Paulo A., LUCHIARI, Ailton. Utilização de imagens híbridas geradas a partir da transformação de IHS e aplicação de segmentação no mapeamento detalhado do uso da terra. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 111-122.
- 223) SCOLESE, Eduardo. De FHC a Lula: manipulações, números, conceitos e promessas de reforma agrária. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 123-138.
- 224) OLIVEIRA, Ivanilton José de. Sustentabilidade de sistemas produtivos agrários em paisagens do cerrado: uma análise no município de Jataí-GO. Ano 20, v. 2, n. 23, p. 139-159.
- 225) GADE, Daniel W. Geografia: leituras culturais (Resenha). Ano 20, v. 2, n. 23, p. 163-164.
- 226) CLAVAL, Paul. Geografia: leituras culturais (Resenha). Ano 20, v. 2, n. 23, p. 1165-167.
- 227) CLAVAL, Paul. The nature and scope of Political Geography. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 13-28.
- 228) VLACH, Vânia R. F. Entre a idéia de território e a lógica da rede: desafios para o ensino de Geografia. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 29-41.
- 229) AUED, Idaletto M.; ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de O método de desconstituição do capital e a Geografia. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 43-60.
- 230) HASSLER, Márcio L. Áreas de proteção ambiental e unidades territoriais de planejamento na porção leste da região metropolitana de Curitiba. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 61-75.
- 231) MORETTI, Edvaldo C. ; LOMBA, Gilson K. Precarização do trabalho e territorialidade da atividade turística em Bonito-MS. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 77-99.
- 232) SOUSA, Givaldo V. de; DUTRA JUNIOR, Wagnervalter. O imaginário social e território no distrito de José Gonçalves – BA. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 101-117.
- 233) GIL FILHO, Sylvio F. Geografia da religião: o sagrado como representação. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 119-133.
- 234) SUERTEGARAY, Dirce M. A. ; VERDUM, Roberto ; BELLANCA, Eri T. ; UAGODA, Rogério S. Sobre a gênese da arenização no Sudoeste do Rio Grande do Sul. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 135-150.
- 235) HENRIQUE, Wendel. Proposta de periodização das relações sociedade-natureza: uma abordagem geográfica de idéias, conceitos e representações. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 151-175.

- 236) PINHEIRO, Antonio C. Tendências teórico-metodológicas e suas influências nas pesquisas acadêmicas sobre o ensino de Geografia no Brasil. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 177-191.
- 237) CUSTODIO, Vanderli. Inundações no espaço urbano: as dimensões natural e social do problema. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 193-210.
- 238) LORENTE, Silvia Díez. Propuesta metodológica y conceptual para el estudio de los Riesgos Naturales: la situación en España. Ano 21, v. 1, n. 24, p. 211-230.
- 239) SEEMANN, Jörn. Geografia: ciência do complexus: ensaios transdisciplinares (Resenha). Ano 21, v. 1, n. 24, p. 233-236.
- 240) PINHEIRO, Antonio C. Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais (Resenha). Ano 21, v. 1, n. 24, p. 237-241.
- 241) ELIAS, Denise; PEQUEÑO, Renato. Espaço urbano no Brasil agrícola moderno e desigualdades socioespaciais. Ano 21, v. 2, n. 25, p. 13-33.
- 242) SERPA, Angelo. Espaço público, cultura e participação popular na cidade contemporânea. Ano 21, v. 2, n. 25, p. 35-48.
- 243) FABREGAT, Clemente Herrero. La formación simbólica del profesorado en Geografía. Ano 21, v. 2, n. 25, p. 49-65.
- 244) MARANDOLA JR., Eduardo. Arqueologia fenomenológica: em busca da experiência. Ano 21, v. 2, n. 25, p. 67-79.
- 245) MIZUSAKI, Márcia Yukari. Mato Grosso do Sul: impasses e perspectivas no campo. Ano 21, v. 2, n. 25, p. 81-93.
- 246) CARVALHO, Márcia S. de. A Geografia da Alimentação em frente pioneira (Londrina – Paraná). Ano 21, v. 2, n. 25, p. 95-110.
- 247) CARVALHO, Antônio Alfredo Teles de. Josué de Castro – entre o ativismo e a ciência, a introdução da Geografia da Fome na história do pensamento geográfico no Brasil. Ano 21, v. 2, n. 25, p. 111-120.
- 248) IORIS, Antônio A. R. Água, cobrança e commodity: a Geografia dos Recursos Hídricos no Brasil. Ano 21, v. 2, n. 25, p. 121-137.
- 249) SOUZA, Bartolomeu Israel de; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Contribuição ao debate sobre a transposição do Rio São Francisco e as prováveis consequências em relação a desertificação nos Cariris Velhos (PB). Ano 21, v. 2, n. 25, p. 139-155.
- 250) CASTRO, João Alves de. Tantos cerrados: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidade e singularidade sociocultural (Resenha). Ano 21, v. 2, n. 25, p. 159-162.
- 251) CHASE, Jacquelyn. Colapso: como sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso (Resenha). Ano 21, v. 2, n. 25, p. 163-166.

Título	Amazônia...
Preparação de originais e revisão de textos	Comite Editorial
Normalização	Gráfica e Editora Vieira
Produção de arte gráfica e capa	André Barcellos
Arte final de capa	Franco Jr.
Editoração eletrônica	Franco Jr.
Formato fechado	18 x 26 cm
Mancha gráfica	13,5 x 21 cm
Tipologia	Adobe Garamond Pro
Papel	Polén Soft 80 g/m2 (miolo) Cartão Supremo 240 g/m2 (capa)
Números de páginas	246
Tiragem	1000 unidades
Impressão	DocuTech 135

